

Página
TRÊS

Radioativa, mas sem risco. A emissão de radioatividade pelos materiais encontrados na areia está acima do permitido, mas só há perigo se a exposição for diária e por várias horas

Areia monazítica também em Camburi

AJ19712

Análise na mancha negra constatou a semelhança com a composição da areia de Guarapari

CLAUDIA FELIZ
cfeliz@redegazeta.com.br

Manchas escuras encontradas nas areias da Praia de Camburi, em Vitória, revelam um conteúdo surpreendente, cuja causa ainda é desconhecida pelas autoridades públicas: presença de substâncias radioativas - fosfato de tório e fosfato de urânio - em nível dez vezes superior ao tolerado. E essas substâncias, as mesmas que garantem a fama internacional das areias monazíticas da Praia da Areia Preta, em Guarapari, também foram identificadas em caranguejos de Camburi.

A areia foi submetida à contagem radioativa por meio de um contador Geiger-Müller (aparelho que mede radiações). Próximo ao segundo píer de Camburi, na Mata da Praia, a contagem foi de 1,8 microSv/hora (sievert ou Sv é a unidade que mede o dano humano causado pela radiação). Já na área da estátua de Iemanjá a medida foi de 2,0 micro Sv/h. Nas amostras de caranguejos, foi identificado 0,6 micro Sv/h, três



Vale já havia constatado a presença

Empresa, instalada próximo à praia, faz monitoramento ambiental rotineiro em Camburi

A Vale, uma das duas grandes empresas instaladas bem próximo à Praia de Camburi, em Vitória - a outra é a Arcelor Mittal Tubarão -, sabia da existência de areia monazítica em Camburi, a partir de análises feitas para seu monitoramento ambiental.

A empresa garante que informou às autoridades competentes que estudos feitos por ela mostram que "a coloração escura do material tem origem natural, característica de areias monazíticas".

Mas a mesma Vale faz questão de informar que não há indicativos de que o material encontrado nas areias de Camburi seja proveniente de suas antigas operações na Ponta de Tubarão.

Já o gerente de Meio Am-

meio de um contador Geiger-Müller (aparelho que mede radiações). Próximo ao segundo pier de Camburi, na Mata da Praia, a contagem foi de 1.8 microSv/hora (sievert ou Sv é a unidade que mede o dano humano causado pela radiação). Já na área da estátua de Iemanjá a medida foi de 2.0 micro Sv/h. Nas amostras de caranguejos, foi identificado 0.6 micro Sv/h, três vezes mais do que o permitido pela Comissão Nacional de Energia Nuclear.

Tecnicamente, para que não haja dano à saúde, a emissão deve ser de 0,2 microSv/h, mas o físico nuclear e professor da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) Marcos Tadeu Orlando, que identificou existência de areia monazítica em Camburi, explica que, na praia, a radiação só representaria risco em caso de exposição direta à areia, todos os dias do ano e por muitas horas.

O pesquisador também observou a areia escura em um terceiro ponto, em frente ao cruzamento da Rua Eugênio Ramos com a Avenida Dante Michelini, mas nesse local não foi feita a medição. Os pontos radioativos movimentam-se de acordo com as marés, durante o ano, e estendem-se para dentro do mar até uma distância aproximada de 25 metros.

A pesquisa do físico Marcos Orlando foi iniciada em 2008 e ainda avalia impactos ambientais da descoberta.

Maior emissão do Estado está em Guarapari

No Espírito Santo, o maior nível de radioatividade foi identificado pelo físico Marcos Tadeu Orlando na Praia da Areia Preta, em Guarapari: 2.7 micro Sv/hora, 13,5 vezes mais do que é possível uma pessoa receber sem dano à saúde. O físico lembra que quem se expõe a vários exames de raio-X ou tomografia computadorizada por ano também recebe dosagem excessiva. E explica que até mesmo rochas e a areia de praia que não é preta emitem radioatividade, porque os materiais liberam radônio, gás radioativo. Mas o professor da Ufes deixa claro que a radiação reduz 100 vezes a cada dez metros de afastamento da fonte de emissão.



Bronzeado é o que importa

Há um ano a cuidadora de idosos Dayany Arnholz, 21, saiu de Itaguaçu, no interior do Espírito Santo, e passou a morar na Mata da Praia, bairro nobre localizado próximo à Praia de Camburi, em Vitória.

Uma vez por semana, Dayany vai à praia, onde só toma sol para ficar com o corpo bronzeado – ela admite não gostar de dar mergulhos no mar. Mas, mesmo deitada sobre uma das man-

chas escuras da areia da praia, ela não demonstra nem curiosidade e nem preocupação em relação ao fato de, naquela região, ter sido descoberta presença de substâncias radioativas.

“Sempre achei que a areia preta era normal, apesar de nunca ter visto algo igual em outro lugar”, diz Dayany, que não planeja deixar de frequentar a Praia de Camburi.

GABRIEL LORDÉLLO

Aterro pode explicar o fenômeno

Origem pode estar no processo de colocação de areia para conter o avanço do mar na praia

O físico nuclear Carlos Tadeu Orlando realiza estudos na tentativa de identificar a origem da areia monazítica na Praia de Camburi e diz que, para tanto, é necessário identificar de onde foi extraído o material usado no aterro da orla daquela que é a maior praia urbana da Capital.

Com seis quilômetros de extensão, a Praia de Camburi enfrentou problemas de erosão desde o início da década de 1960. Em seu estudo, Marcos Tadeu Orlando lembra a dragagem do Canal de Tubarão, concluída em 1964, que segundo ele “alterou profundamente o regime e a intensidade relativa das ondas”.

Nessa mesma década, dunas frontais da praia foram removidas para viabilizar construções na orla. Na década de 1970, foram construídos dois

ENGORDA ARTIFICIAL

1 milhão de m³

Essa foi a quantidade de areia utilizada no aterro feito em 1999 em Camburi e que barrou o avanço do mar de forma definitiva, após outros que não haviam dado certo.

espigões transversais à costa, e no início de 1980 foi iniciado um primeiro aterro.

Mas a areia era fina demais e acabava voltando para o mar. Só no final de 1999 foi iniciada a construção de um terceiro pier, o prolongamento do segundo e feita uma “engorda” definitiva da praia. O material para esse aterro, segundo o geógrafo Willis de Faria, foi retirado a quatro quilômetros da costa. Areia da mesma região, lembra ele, está sendo usada para conter a erosão da Curva da Jurema.

CLAUDNEY PESSOA/ARQUIVO



Origem da areia do aterro de Camburi precisa ser pesquisada

pacientes que estudos feitos por ela mostram que “a coloração escura do material tem origem natural, característica de areias monazíticas”.

Mas a mesma Vale faz questão de informar que não há indicativos de que o material encontrado nas areias de Camburi seja proveniente de suas antigas operações na Ponta de Tubarão.

Já o gerente de Meio Ambiente da Arcelor Mittal Tubarão, Guilherme Correa Abreu, se disse surpreso com a informação sobre material radioativo na areia de Camburi. Segundo ele, na siderurgia não há evidência de tório e urânio.

Iema vai discutir as causas da mancha

Órgão também analisou a areia e afirma não ter encontrado material radioativo

Representantes do Instituto Estadual de Meio Ambiente (Iema) e da Secretaria de Meio Ambiente da Prefeitura de Vitória reúnem-se em abril para discutir as causas do aparecimento das manchas pretas na Praia de Camburi, em Vitória. Os dois órgãos garantem desconhecer estudos que comprovem a presença de radiação naquela área.

Em janeiro deste ano, após coletar material numa mancha que surgiu na praia, o Iema diz que identificou a presença de ferro, sílica e substâncias orgânicas, além de pequenas quantidades de potássio, iodo e sódio.

Segundo o órgão ambiental estadual, todos esses elementos são encontrados naturalmente na areia da praia.

O Iema garante que lançamentos do Sistema de Tratamento de Efluentes da Vale – que só ocorrem período de muitas chuvas – obedecem aos padrões estabelecidos por lei. Já a Arcelor Mittal não realiza lançamento de efluentes na Praia de Camburi.